FOLHA DE S.PAULO

21/11/2013 - 02h26

América foi povoada por dois grupos, mostra DNA

REINALDO JOSÉ LOPES
COLABORAÇÃO PARA A **FOLHA**

O DNA de um menino da Sibéria, que morreu aos três ou quatro anos de idade, na fase mais severa da Era do Gelo, pode ser uma das pistas mais importantes para entender como o ser humano colonizou as Américas.

Segundo os cientistas que "leram" seu genoma, o garoto tem semelhanças genéticas tanto com europeus quanto com os indígenas atuais.

E a recíproca é verdadeira. Os pesquisadores calculam que a antiga população à qual o menino pertencia seria responsável por algo entre 15% e 40% da herança genética dos índios. Esse povo misterioso teria se misturado a outro, oriundo do leste da Ásia, para dar origem aos habitantes do continente americano.

Há décadas alguns antropólogos argumentam que o povoamento da América pode ter envolvido dois grupos geneticamente distintos.

Uma das vozes mais importantes desse grupo é o brasileiro Walter Neves, do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos da USP. O principal indício desse fato é a variedade no formato dos crânios dos mais antigos americanos, os paleoíndios --o exemplo mais famoso é "Luzia", fóssil achado em Minas Gerais, com mais de 11 mil anos.

Editoria de arte/Folhapress

Lago Baikal, na Sibéria, local das escavações

GÊNESE MESTIÇA

O que diz o novo estudo sobre o povoamento da América

1 ESQUELETO

> Pesquisadores da Dinamarca "leram" o genoma completo de um menino de três ou quatro anos sepultado no sítio de Mal'ta, perto do lago Baikal, na Sibéria, há 24 mil anos

> Objetos de arte foram colocados no túmulo do garoto

Corte do úmero do menino de Mal'ta

2 COMPARAÇÃO

> A surpresa veio quando esse genoma foi comparado com o de humanos pré-históricos e com o de pessoas vivas: o menino parece ter afinidades genéticas com os atuais europeus e com os indígenas das Américas, mas não com os atuais habitantes do leste da Ásia

Fotos Kelly E. Graf/Nature

Estátua de Vênus enterrada junto com o menino

3 MIGRAÇÃO

> Muitos pesquisadores acreditam que apenas um grupo de humanos, vindos do leste da Ásia, teria colonizado as Américas há cerca de 15 mil anos

> Os novos dados sugerem, no entanto, que uma população mais antiga, ligada ao menino de Mal'ta, teria se misturado aos habitantes do leste da Ásia

SEGUNDA LEVA

Neves e seus colaboradores afirmam que o crânio de Luzia e de outros paleoíndios lembra mais o de aborígines australianos, melanésios e africanos do que o da maioria dos índios atuais, normalmente comparados a grupos do nordeste da Ásia.

A ideia é que a maioria dos ancestrais dos índios modernos teria integrado uma segunda leva migratória, que teria exterminado os paleoíndios ou se misturado a eles.

"Nossos achados não apoiam diretamente o trabalho dos brasileiros", disse Eske Willerslev, biólogo do Museu de História Natural da Dinamarca que coordenou o estudo, publicado na "Nature". "Parte do material genético da criança tem afinidades com grupos do sul da Ásia [região de origem dos paleoíndios, segundo Neves]. Então o artigo se alinha parcialmente à ideia deles."

Neves reagiu com cautela e ironia aos achados. "Eu podia estar comemorando, dizendo 'olha, finalmente alguém fala de herança dual'. Mas vai depender da estabilidade dos trabalhos deles. Se os achados desse tipo continuarem, vou poder dizer que estive certo por 25 anos."

MISTURA

Seria o caso, então, de pensar nos índios atuais como uma mistura de europeus com asiáticos? Não exatamente. Europeus e asiáticos dessa época eram bem diferentes dos de hoje. Eles estavam mais próximos de um padrão genético e morfológico "genérico", resultado da expansão inicial dos humanos modernos da África para o resto do mundo, diz Fabrício Santos, geneticista da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

"Características mongólicas [a "cara" asiática de alguns índios atuais] teriam sido adquiridas mais tarde a partir de populações do leste asiático", afirma Santos.

Rolando González-José, biólogo do Centro Nacional Patagônico, na Argentina, diz que nem é necessário postular duas "ondas" de migração para entender os dados do genoma do novo estudo.

Ele argumenta que é mais natural pensar que a população "genérica" à qual pertencia o menino teria se diferenciado cada vez mais ao se expandir para os quatro cantos da Ásia e das Américas.

Endereço da página:

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicaçao, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.